

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 24 • 2018

VOLUME COMEMORATIVO DO XXX ANIVERSÁRIO
DO CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DO CONCELHO DE OEIRAS
1988-2018



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2018

**OEIRAS NA ANTIGUIDADE TARDIA: ALGUNS MATERIAIS RECOLHIDOS
NAS ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS REALIZADAS
NA RUA MARQUÊS DE POMBAL, 3-7 (CENTRO HISTÓRICO DE OEIRAS)**

***OEIRAS IN LATE ANTIQUITY: SOME MATERIALS COLLECTED
IN THE ARCHAEOLOGICAL EXCAVATIONS CARRIED OUT
AT RUA MARQUÊS DE POMBAL, 3-7 (HISTORIC CENTER OF OEIRAS)***

João Luís Cardoso¹, Guilherme Cardoso² & Filipe Martins¹

Abstract

The excavations carried out in the Historic Center of Oeiras in 2017/2018 have uncovered structures from different epochs, that reach the Contemporary Age. It goes back to the Roman period the oldest occupation of the site, represented by a building of orthogonal plan, to which succeeded structures later, some of them related to ceramics of Late Antiquity. For their interest, the publication of this small group of pieces was considered justified.

Keywords: Late Antiquity, Oeiras, Portugal.

1 – INTRODUÇÃO

Parecer da DGPC relativo ao licenciamento da obra em apreço, emitido pela DGPC e comunicado à Câmara Municipal de Oeiras através do Ofício S-2014/344015(C.S.950362) de 25.06.2014, o qual prescrevia a realização de escavações prévias de diagnóstico no local interessado pela reconstrução de edifício urbano destinado a Habitação Jovem pela Câmara Municipal de Oeiras (Fig. 1), situado no Centro Histórico, rua Marquês de Pombal, 3 a 7) (Fig. 2) esteve na origem da intervenção arqueológica de que resultou a presente publicação.

Os trabalhos arqueológicos, foram realizados sob a égide do CEACO/CMO, e dirigidos pelo primeiro signatário, desenvolveram-se entre 10 de Julho a 9 de Agosto de 2017, totalizando 18 dias úteis de trabalho. Neles participaram diariamente o Dr. Filipe Martins, do CEACO/CMO, e ainda dois trabalhadores cuja colaboração foi assegurada através da Firma Soares & Gomes, Lda., os senhores Urbano Domingos (na totalidade dos trabalhos), Ruben Cruz (nas primeiras duas semanas) e Sílvio José (nas últimas duas semanas).

Após a aprovação do respectivo Relatório Preliminar submetido à DGPC, teve lugar a realização da segunda fase dos trabalhos, previamente prevista, correspondente ao acompanhamento da desmontagem das estruturas arqueológicas e à execução do desenho final das mesmas, a qual se realizou entre 2 a 20 de Abril de 2018, totalizando 11 dias úteis de trabalho.

¹ Universidade Aberta (Lisboa), Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras) e ICAREHB.
cardoso18@netvisao.pt

² Centro de Arqueologia de Lisboa (Câmara Municipal de Lisboa)..



Fig. 1 – Vista do prédio urbano sito na Rua Marquês de Pombal, n.ºs 3 a 7 (Centro Histórico de Oeiras) e do espaço expectante, do lado direito da foto, onde se realizou a intervenção arqueológica.



Latitude 38°41'33.19"N
Longitude 9°18'46.60"W

0 120 m

Fig. 2 – Localização da área intervencionada no Centro Histórico de Oeiras (Google Earth).

2 – DESCRIÇÃO GERAL DOS TRABALHOS REALIZADOS

O objectivo essencial dos trabalhos realizados residia na averiguação da presença de pré-existências anteriores ao edifício a recuperar, tendo presente a existência de ocupações de diversas épocas no casco histórico da vila de Oeiras, identificadas aquando das escavações dirigidas pelo primeiro signatário na área da *villa* romana da Rua das Alcássimas, a que pertence o bem conhecido mosaico romano de Oeiras, identificado no início do século XX (GOMES, CARDOSO & ANDRÉ, 1996). Os materiais então recolhidos fazem remontar a ocupação daquela área desde ao Calcolítico Pleno / Final, atingindo a Idade Contemporânea, passando pelo Bronze Final, Idade do Ferro, época romana e islâmica (CARDOSO, 2011; CARDOSO, 2016-2017; FERNANDES, CARDOSO & ANDRÉ, 2009).

A metodologia que se adoptou na escavação, de acordo com a proposta apresentada no Programa de Trabalhos submetido à DGPC, correspondeu à abertura de sucessivas sondagens, de 2 m × 2 m, segundo uma quadrícula ortogonal previamente implantada na área expectante adjacente ao edifício existente, a qual se prevê ser ocupada por um piso escavado no terreno destinado a garagens. O terreno interessado por cada uma destas sondagens foi aprofundado segundo níveis artificiais de 0,20 m de potência.

Dado que o piso térreo do edifício existente, adjacente à área escavada, será conservado, uma vez que nele se pode observar um dos mais interessantes testemunhos de calçada à portuguesa, com seixos rolados de calcário e de basalto, a par de uma vasta superfície forrada com belas lajes calcárias, a intervenção cingiu-se ao acompanhamento da abertura das fundações dos pilares destinados ao reforço interno da estrutura pré-existente, aquando da realização da sua reconstrução.

O Plano de Trabalhos previa apenas a abertura de quatro sondagens de 2 × 2 m, dispostas em bissectriz ao longo do espaço expectante. No entanto, dada a ocorrência de estruturas que não seria possível caracterizar convenientemente caso aquele se mantivesse aquela solução, decidiu-se alargar a escavação à quase totalidade do espaço disponível, conservando apenas corredores perimetrais para possibilitar a circulação de pessoas em torno da área escavada.

3 – RESULTADOS OBTIDOS

Esta primeira publicação destina-se a dar público conhecimento de um dos mais interessantes resultados obtidos, correspondentes à identificação de uma ocupação da antiguidade tardia no subsolo da vila de Oeiras, documentada pela tipologia de alguns materiais exumados. Reservar-se-á para trabalho ulterior, a descrição das estruturas identificadas e dos espólios recuperados, os quais integram assinalável diacronia.

3.1 – Estratigrafia e estruturas arqueológicas

Na Fig. 3 apresenta-se a planta da área escavada indicando apenas as estruturas romanas e da antiguidade tardia postas a descoberto na área escavada, distribuídas por duas fases cronológico-culturais, pois são aquelas que directamente se relacionam com os espólios agora estudados. Não se fará referência, por conseguinte, a fases construtivas ulteriores às mencionadas, nem aos materiais a elas associados.

Fase 1 – *Época romana*

Está representada por muros rectilíneos ortogonais ou aproximadamente ortogonais, constituídos por blocos calcários de médias dimensões, exceptuando-se sector do lado ocidental da área escavada, em



Fig. 3 – Planta da área intervencionada, com indicação das estruturas de época romana (Fase 1) e da Antiguidade Tardia (Fase 2) e a localização dos respectivos achados no terreno. Planta elaborada por F. Martins e revista por J. L. Cardoso. Tintagem de B. L. Ferreira.

que se observam blocos de grandes dimensões associados a uma área lajeada que se prolonga para além do sector escavado (Fig. 4). Deste modo, é admissível que se trate de uma habitação (*domus*) de planta sub-rectangular, com uma divisória interior representada por muro rectilíneo mal conservado, representado na Fig. 3, dando origem a dois compartimentos contíguos, a qual se encostaria, do lado ocidental a um muro constituído por alinhamento rectilíneo de grandes blocos, que delimitaria, do lado oposto uma via de circulação provavelmente correspondente a um dos eixos viários adiante referidos, e em parte sob a actual Rua Marquês de Pombal. Tais elementos encontram-se assentes directamente no substrato geológico, correspondente a afloramentos de calcários do Cenomaniano Superior, com lapiaz incipiente, ou nas bolsas de *terra rossa* resultantes da sua alteração.

A *domus* assim definida afigura-se muito semelhante à identificada no estabelecimento romano de Leião, tanto na planta como no sistema construtivo dos muros que a integram, a qual foi sujeita, tal como provavelmente se verificou nesta, a destruição súbita e generalizada, em meados do século I d.C., responsável pelo abatimento da cobertura de ímbrices (CARDOSO *et al.*, 2010-2011).



Fig. 4 – Um dos muros rectilíneos romanos identificados, correspondente à estrutura representada na área poente da planta. Provavelmente destinava-se a separar a habitação de uma via de circulação situada do lado ocidental e que se prolongará por debaixo da actual Rua Marquês de Pombal. Foto de J. L. Cardoso.

Com efeito, também o edifício agora em apreço se encontrava coberto por telhado constituído por grandes ímbrices; o tamanho, espessura e formato destes elementos são muito semelhantes nos dois casos. O abatimento desta cobertura formou nível compacto e contínuo, que selou o solo desta habitação e da área a ela circunvizinha (Fig. 5), sugerindo a existência de telheiro. Tal nível, constituído quase exclusivamente por telhas partidas, constitui referência essencial para o estabelecimento da sequência ocupacional verificada na área escavada. Por cima deste nível, que se formou de uma só vez, reconheceram-se depósitos de entulhos heterogêneos, integrando materiais arqueológicos de épocas variadas, desde a época tardo-romana à Idade Contemporânea, nos quais se recolheram todos os espólios agora estudados. Ao contrário, os espólios recolhidos abaixo do referido nível, provêm de camada homogênea e não remexida.

Fase 2 – Antiguidade Tardia

Está representada por um muro rectilíneo muito irregular e de assinaláveis dimensões, indicado na Fig. 3, constituído por duas fiadas de blocos com enchimento interior de elementos de menores dimensões, cujo aspecto não se diferencia dos muros de cronologia calcolítica existentes em qualquer povoado dessa época da região (Leceia, Moita da Ladra, Outeiro Redondo), explorados pelo primeiro signatário (Fig. 6), mas que encontra paralelos em edifícios da Antiguidade Tardia observados nas *villae* do *ager olisiponensis* (BATALHA, CARDOSO & MONTEIRO, 2009, p. 26; CARDOSO, 2016, p. 170-177). Este muro, muito incompleto, assenta no nível constituído pelo derrube do telhado da casa romana (Fig. 7), pelo que é claramente mais moderno do que aquele; contudo, apresenta-se desprovido de cimento argamassado, característico dos muros das Épocas Moderna e Contemporânea ali identificados.



Fig. 5 – Pormenor do nível de derrube do telhado da habitação e de eventual cobertura adjacente, constituído exclusivamente por imbrices. Este nível separa os depósitos romanos dos depósitos de entulhos com espólios de várias épocas, incluindo materiais modernos. Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 6 – Pormenor de muro grosseiro e muito incompleto, constituído por dois paramentos de blocos alinhados, e preenchimento interior de elementos de menores dimensões, representado na Fig. 3 (Fase 2). Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 7 – Pormenor do embasamento do muro representado na Fig. 6, assentando no nível de ímbrices, observando-se em primeiro plano alguns desses fragmentos. Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 8 – Pormenor de um alteamento feito na Fase 2 (Antiguidade Tardia) a um muro romano rectilíneo da habitação romana da Fase 1, recorrendo a blocos de maiores dimensões. Note-se que o muro romano da Fase 1 subsiste, em segundo plano a uma maior profundidade e no mesmo alinhamento. Foto de J. L. Cardoso.

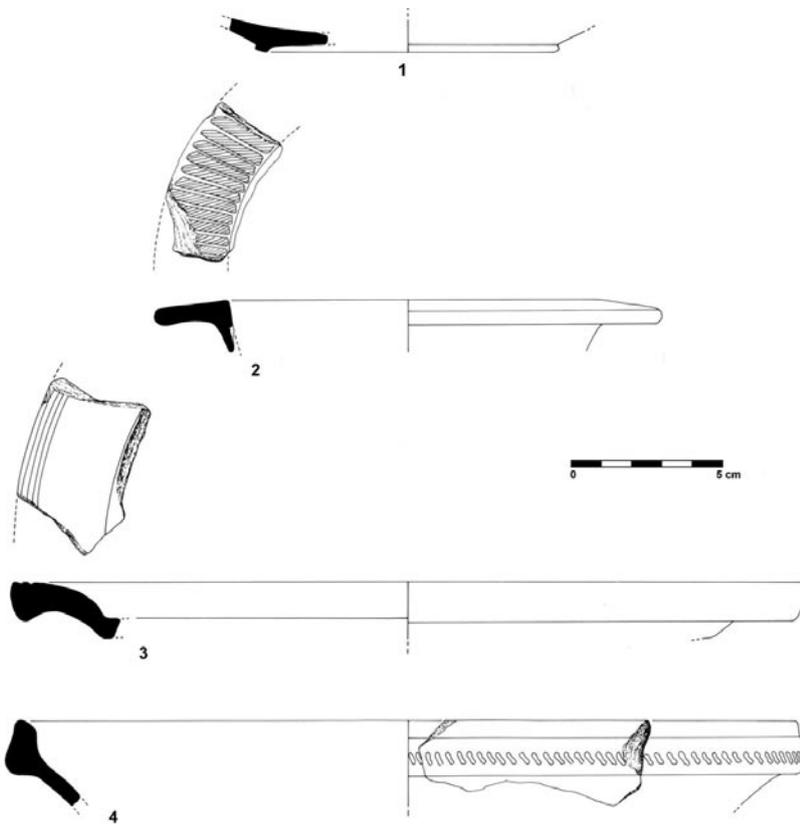


Fig. 9 – Produções cerâmicas da Antiguidade Tardia. 1 – Fragmento de produção focense. Fundo com pé anelar, de tipo indefinido; 2 – Fragmento de bordo de taça, de *terra sigillata* africana clara D. Tipo Hayes 96; 3 – Fragmento de bordo de taça, de *terra sigillata* africana clara D. Tipo Hayes 67; 4 – Fragmento de bordo de taça focense. Tipo Hayes 3, variante F. Desenhos de F. Martins.

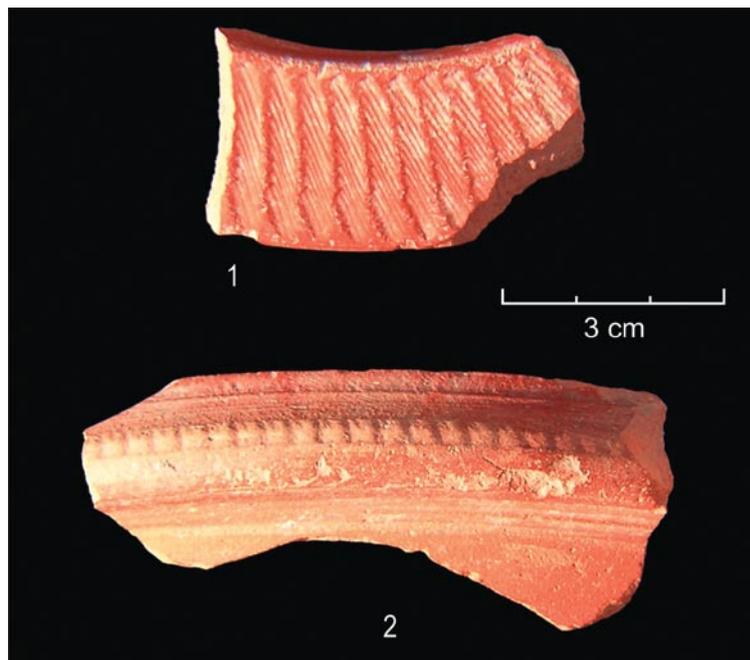


Fig. 10 – Produções cerâmicas da Antiguidade Tardia. 1 – Fragmento de bordo de taça, de *terra sigillata* africana clara D. Tipo Hayes 96; 2 – Fragmento de bordo de taça focense. Tipo Hayes 3, variante F. Fotos de J. L. Cardoso.

Um dos muros romanos do edifício pré-existente foi, em troço restrito, conforme indica a Fig. 3, alteado nesta época por blocos de maiores dimensões (Fig. 8), no âmbito da reconfiguração do edifício pré-existente.

3.2 – Espólios da Antiguidade Tardia

Um dos conjuntos arqueológicos mais interessantes identificados no decurso das escavações respeita ao período da Antiguidade Tardia, séculos V a VII d. C. sendo coevo das escassas estruturas atribuíveis a essa época, acima descritas. Trata-se, sem excepção, de escassos fragmentos cerâmicos recolhidos nos depósitos que se formaram por cima do nível de imbrices resultante do abatimento da *domus* romana, contendo espólios de épocas muito diferenciadas, que atingem a modernidade.

Entre os fragmentos de cerâmica exumados, existem quatro que, pelas suas características, se afiguram relevantes para datar uma das fases da ocupação do local, indicando-se a localização da colheita de cada um deles na Fig. 3:

1 – O fragmento mais antigo corresponde a um bordo de taça em *terra sigillata* africana, clara D, do tipo Hayes 67 (Fig. 7, n.º 3). Trata-se de uma forma produzida entre a 2.ª metade do século IV e a 2.ª metade do século V d.C. Inseridos na mesma tipologia foram encontrados na *villa* romana de Freiria nove exemplares (CARDOSO, 2016, p. 340), enquanto no Alto do Cidreira, a intervenção ali realizada ofereceu uma única peça (SEPÚLVEDA, BOLILA & SANTOS, 2014-2015, p. 367).

2 – Um segundo fragmento de bordo de *terra sigillata* africana clara D, é do tipo Hayes 96 (Fig. 9, n.º 2; Fig. 10, n.º 1), uma forma rara da qual se conhece um único exemplar de perfil completo e vários fragmentos de bordo (HAYES, 1972, p. 149-150). Em Conimbriga foram estudados dois fragmentos provenientes de escavações anteriores a 1962 (DELGADO, 1975, 266, n.ºs 107 e 108).

3 e 4 – Reconheceram-se dois fragmentos de cerâmica focense, um bordo do tipo Hayes 3F (Fig. 9, n.º 4; Fig. 10, n.º 2) e um pé de variante indeterminada (Fig. 9, n.º 1). Este tipo de cerâmica assume particular relevância na zona das *villae* romanas de Cascais, onde foram recolhidos vários exemplares em contextos da antiguidade tardia (CARDOSO, 2002; SEPÚLVEDA, BOLILA & SANTOS, 2014-2015) e também nos concelhos limítrofes de Sintra e Amadora (SOUSA, 2001, p. 202).

4 – DISCUSSÃO E ENQUADRAMENTO REGIONAL

Partindo da análise construtiva e paisagística, é provável que, na Antiguidade Tardia, o sítio tenha sido um vilar, localizado nas imediações do cruzamento de duas antigas vias, ligando *Olisipo* às *villae* dos actuais concelhos de Oeiras e Cascais.

A primeira ia da foz da ribeira da Lage, pela margem direita, à área a norte, concelhos de Cascais e Sintra (CARDOSO, 2004, p. 138; CARDOSO & CARDOSO, 2005); a segunda, na margem esquerda que seguia através da Quinta do Costa, onde existiu uma necrópole tardia (CARDOSO & CARREIRA, 1996; CARDOSO, 2000, p. 170-175), Sol Avesso (CARDOSO & CARDOSO, 1993, p. 72, Figs. 23 e 24) e Alto da Peça (CARDOSO, 2002, p. 47, n.º B/5; CARDOSO, 2011). É provável que a *domus* agora identificada na Rua Marquês de Pombal, já então flanqueasse aquela via que teria um traçado semelhante àquela artéria dos nossos dias, curvando depois em direcção à *villa* romana da rua das Alcássimas, situada cerca de 100 m a Norte.

Admite-se a hipótese de ter existido uma antiga via, que ligaria a foz da ribeira da Lage às explorações agrárias das terras altas, localizadas junto ao Alto das Cabeças, bem como ao Casal de S. Marcos, Sintra (SOUSA, 2001, p. 202).

Por outro lado, importa ter em consideração a possibilidade de existir outra via de penetração para o interior a partir do estuário do Tejo, correspondente ao vale da ribeira de Porto Salvo, que desagua em Paço de Arcos, onde forma uma abrigada e ampla baía extremamente propícia às actividades comerciais. Sob este aspecto, importa ter presente a existência do cemitério de Sol Averso, de época tardia, que forneceu uma taça de *terra sigillata* clara C, forma Hayes 52 C, situável em época um pouco anterior, que não ultrapassará os meados do século IV d.C. (CARDOSO & ANDRÉ, 1997).

Local privilegiado onde se cruzavam várias vias, tal explica a permanência da ocupação do actual Centro Histórico de Oeiras após a queda do Império Romano. A ligação cronológica às diversas *villae* existentes, tanto no município de Oeiras, como nos de Cascais, Sintra e Amadora, está confirmada através de diversos vestígios materiais, caso das cerâmicas focenses (SOUSA, 2001, p. 202; SEPÚLVEDA, BOLILA & SANTOS, 2014-2015).

No sopé da serra de Carnaxide, ainda no município de Oeiras, foi identificado um bordo de cerâmica focense do tipo Hayes 3 (CARDOSO, 2002, p. 49, n.º B10). No cimo da mesma serra, já no concelho de Amadora, foi igualmente descoberta uma necrópole do período tardo romano (ENCARNAÇÃO & DIAS, 2017, p. 175), também *villa* da Bolachas se recolheram dois fragmentos deste tipo de produções (SOUSA, 2001, p. 202).

No caso do município de Sintra verifica-se a mesma realidade, com achados na *villa* de Santo André (Almoçageme), na *villa* de Cabanas (S. Marcos), Armês (Terrugem) e na *villa* de Casal de Colaride (Cacém) já referenciadas (SOUSA, 2001, p. 202).

5 – CONCLUSÕES

A existência de materiais da Antiguidade Tardia no centro histórico de Oeiras demonstra que o local manteve-se ocupado naquela época, expandindo para sul a distribuição das evidências já conhecidas.

Os elementos de produção exógena encontrados nesta região, são representativos da manutenção do comércio de longo curso entre o Mediterrâneo e o Ocidente Peninsular atlântico.

Sob este aspecto, importa registar a circulação de cerâmicas finas de fabrico norte africano e das costas do Mediterrâneo oriental, em diversos contextos regionais dos séculos V-VI d.C., apesar das alterações socioeconómicas resultantes da queda do Império Romano e consequentes invasões bárbaras.

Conforme agora se verifica, tal acontecimento não foi suficiente para interromper o comércio marítimo. Este continuou a realizar-se, mantendo antigos hábitos de uso e ostentação das classes mais elevadas, detentoras das propriedades rurais em torno da cidade de *Ulishbona*.

Com base nesta análise e dada a proximidade da costa, coloca-se a hipótese de a comunidade que ali permanecia no decurso dos séculos V e VI d.C., dar apoio às embarcações que aportavam à pequena baía formada junto à foz da ribeira da Lage. Aquele porto natural terá servido certamente para cargas e descargas de mercadorias entre o campo e a cidade de *Ulishbona*.

AGRADECIMENTOS

Agradece-se a excelente colaboração prestada pelo Departamento de Habitação e Reabilitação Urbana da CMO nas pessoas do seu Director, Arq. Pedro Carrilho, do Arq. António Abreu e da Arq. Ana Rocha.

Agradece-se à Dr.^a Conceição André, do CEACO/CMO, todas as acções desenvolvidas de carácter administrativo, indispensáveis à boa concretização dos trabalhos efectuados.

CATÁLOGO

1 – ORMP.QS. Fragmento de bordo de taça, de *terra sigillata* africana clara D. Tipo Hayes 67. Diâm. c. 400 mm. Pasta vermelha (10R 5/8), grão médio, porosa, dura, de fractura irregular. Engobe baço, vermelho (10R 5/8). Fig. 9, n.º 3.

2 – ORMP.QO. Fragmento de bordo de taça, de *terra sigillata* africana clara D. Tipo Hayes 96. Diâm. exterior 150 mm. Pasta vermelha (10R 6/8), grão fina, dura, de fractura irregular. Engobe lustroso, vermelho claro (10R 5/8). A aba apresenta decoração do tipo pena de pavão, obtida por meio de guilhoché. Fig. 9, n.º 2; Fig. 10, n.º 1.

3 – ORMP.QD. Fragmento de bordo de taça foceense, Tipo Hayes 3, variante F. Diâm. c. 270 mm (exterior). Pasta vermelha (2.5YR 6/8), grão fino, porosa, dura, de fractura irregular. Engobe vermelho-claro, baço (10R 5/8), e vermelho-escuro (10R 4/8) no bordo. Apresenta decoração no bordo obtida por meio de guilhoché. Fig. 9, n.º 4; Fig. 10, n.º 1.

4 – ORMP.QP. Fragmento de produção foceense. Fundo com pé anelar, de tipo indefinido. Altura máxima 5 mm. Pasta vermelho-escuro (2.5YR 5/6), grão fino, porosa, dura, de fractura irregular. Engobe interno vermelho lustroso (10 Y 5/8). Fig. 9, n.º 1.

REFERÊNCIAS

ATLANTE DELLE FORME CERAMICHE I: ceramica fina romana del bacino mediterraneo (Medio e tardo Impero). Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1981.

BATALHA, L.; CARDOSO, G. & MONTEIRO, M. (2009) – A *villa* romana da Sub-Serra da Castanheira do ribatejo: do Romano ao medieval Islâmico. In BATALHA, L.; CANINAS, J. C.; CARDOSO, G. & MONTEIRO, M. (Coord. cient.)3 – A *villa Romana da Sub-Serra da Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira)*. *Trabalhos Arqueológicos Efectuados no Âmbito de uma obra da EPAL*. Lisboa: EPAL. p. 11-26

CARDOSO, G. (2002) – Aspectos da Romanização no *Ager Olisiponensis*. Trabajo de Tercero Ciclo. Universidad de Extremadura. Departamento de História, Área de Arqueología. Cáceres (policopiada).

CARDOSO, G. (2004) – Acerca das Comunicações no Sudoeste do *Ager Olisiponensis*. *Actas da V Mesa Redonda Internacional sobre Lusitania Romana: Las Comunicaciones*. Cáceres, p. 135-147.

CARDOSO, G. J. P. (2016) – *Estudio arqueológico de la “villa” romana de Freiria*. Tese de Doutoramento em História, especialidade em Arqueologia. Cáceres: Universidad de Extremadura, Departamento de Historia. <http://dehesa.unex.es/xmlui/handle/10662/3881>.

- CARDOSO, J. L. (2000) – *Sítios, Pedras e Homens - Trinta Anos de Arqueologia em Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 9).
- CARDOSO, J. L. (2011) – *Arqueologia do concelho de Oeiras. Do Paleolítico ao século XVIII*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (2016-2017) – A ocupação do Bronze Final do Centro Histórico de Oeiras. Os materiais da Rua das Alcássimas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 23, p. 531-554.
- CARDOSO, J. L. & ANDRÉ, M. C. (1997) – Acerca de uma tigela de *terra sigillata* clara da necrópole do Sol Avesso, Porto Salvo (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 219-226.
- CARDOSO, G. & CARDOSO, J. L. (2005) – A ocupação agrária do concelho de Oeiras na época romana. *VI Encontro de História Local do Concelho de Oeiras. História, Espaço e Património Rural*. Actas. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, p. 41-55.
- CARDOSO, J. L., & CARDOSO, G. (1993) – *Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 4).
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1996) – A necrópole tardo-romana e alto medieval de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 407-417.
- CARDOSO, J. L., SILVA, C. T.; MARTINS, F. & ANDRÉ, C. (2010-2011b) – O estabelecimento rural romano Tardo-Republicano e Alto-Imperial de Leião (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 103-146
- DELGADO, M. (1975) – Sigillée Claire D. In ALARCÃO, J.; ÉTIENNE R. (ed.) – *Fouilles de Conimbriga*. Paris: Diffusion E. de Boccard, 4, p. 261-284.
- ENCARNAÇÃO, G. & DIAS, V. (2017) – Estado atual do conhecimento acerca do povoamento em época romana na Amadora. In ARNAUD, J. M. & MARTINS, A., (Coord.) *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 171-184.
- FERNANDES, I. C. F.; CARDOSO, J. L. & ANDRÉ, M. C. (2009) – Cerâmicas muçulmanas do Centro Histórico de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, p. 97-115.
- GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L., & ANDRÉ, M. C. (1996) – O mosaico romano de Oeiras. Estudo iconográfico, integração funcional e cronologia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. Câmara Municipal, 6, p. 367-406
- HAYES, J. (1972) – *Late Roman Pottery*. London: The British School at Rome.
- SEPÚLVEDA, E.; BOLILA, C., & SANTOS, R. (2014-2015) – LRC (PRSW) e LRD (CRSW) provenientes da escavação de emergência efetuada na *villa* romana do Alto do Cidreira (Cascais). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. V, 4/5, p. 357-393.
- SEPÚLVEDA, E., & RIBEIRO, I. A. (2009) – O espólio de cerâmicas finas de mesa, vidros e lucernas. In BATALHA, L.; CANINAS, J. C.; CARDOSO, G. & MONTEIRO, M. (Coord. cient.)³ – *A villa Romana da Sub-Serra da Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira)*. *Trabalhos Arqueológicos Efetuados no Âmbito de uma obra da EPAL*. Lisboa: EPAL, p. 28-54.
- SOUSA, E. M. (2001) – Contributo para o estudo da Cerâmica Focense Tardia (“Late Roman C Ware”) no *municipium Olisiponense*. Sua representatividade no contexto peninsular», *Conimbriga*. Coimbra. 40, p. 199-224.